

LIVROS MOFADOS E CENSURADOS: LITERATURA COMO ATO DE RESISTÊNCIA E CONSCIENTIZAÇÃO

*MOLDY AND CENSORED BOOKS: LITERATURE AS AN ACT OF
RESISTANCE AND AWARENESS*

Matheus Levandoski

E-mail: beomgyubloom@gmail.com

Introdução

A leitura sempre foi vista como um instrumento de conscientização e democratização do conhecimento, fato esse que demonstra como palavras e ideias podem auxiliar e patrocinar resistência contra formas de opressão. Não a toa, existiam séculos onde livros foram censurados e bibliotecas foram queimadas. No Brasil, não foi diferente. Como menciona Bari e Pessoa (2021), o surgimento da opressão em cima de livros já é algo que data à Antiguidade, onde somente famílias poderosas ou segmentos sociais tinham acesso à escrita e ao conhecimento das letras de forma que todo o poder intelectual ficava resguardado a determinadas pessoas naquela sociedade.

No Brasil, a ditadura militar atingiu como uma avalanche a sociedade e seus conhecimentos intrínsecos. A censura demarcou e respingou em todas as esferas públicas, principalmente na educação e em instituições como bibliotecas. O assombro de uma revolta popular era real entre os poderosos que comandam o país na época, por isso, não exitaram em utilizar a força de um exército armado para conter possíveis revoluções. Em seu artigo, Bari e Pessoa (2021) evidenciam que o

clima de medo era constante na população, principalmente nos escritores e editores, uma vez que corriam perigo de vida, podendo serem presos, torturados ou até mesmo assassinados. Dessa forma, restou a muitos deles escreverem textos com mensagens escondidas a fim de possibilitar uma reflexão naqueles que consumiam suas obras e promoverem, dessa forma, um ato sólido de resistência ao regime político instaurado.

Nesse sentido, é importante observar como a inserção de mensagens em textos literários possibilitou a compreensão de outro viés social à população, estendendo sua força para diversas camadas sociais e demarcando a importância de uma mediação de leitura como maneira de resistência, sempre fundamentando e pautando a igualdade social e a luta por um país justo. Nesse sentido, irei abordar no seguinte trabalho a importância do escritor Caio Fernando Abreu e a importância da atuação do bibliotecário como propulsor de igualdade social.

Desenvolvimento

No ano de 1985 a ditadura militar acaba e o país passa por diversas reformulações políticas e sociais. Em 1986, Caio Fernando Abreu é convidado a assumir uma coluna do jornal Estado de S. Paulo quando o veículo lançou o Caderno 2 (Colati, 2022), espaço dedicado à cultura de forma mais leve e retorno de suas crônicas. O autor utilizou esse espaço como uma oportunidade para debater assuntos considerados tabús na época como sexo, morte, amor, política e solidão, fazendo com que esses temas sempre se conectassem com o panorama socioeconômico de 1986. Durante a ditadura militar, Caio escreveu diversas obras que denunciavam a ditadura e colocava a sociedade oprimida em foco, fazendo assim com que fosse reconhecido internacionalmente e louvado como um porta-voz de sua pátria.

Ao discorrer sobre temas como opressão e censura em suas obras, Caio deu voz para uma sociedade fragilizada e assolada pelo sofrimento, demonstrando como a literatura serve como ato político e histórico. Não à toa, é sabido que diversos bibliotecários tiveram que esconder obras literárias com cunho social dos militares do Estado, correndo riscos sérios em quesito de segurança e sobrevivência. Como menciona Bari e Pessoa (2021), existem análises que demonstram as tentativas de resguardar de livros para a segurança social, citando ainda que as bibliotecas universitárias foram as mais vigiadas.

Não à toa, as bibliotecas universitárias e universidades possuem cernes de conhecimento social e político muito desenvolvidos, sendo muitas vezes propulsores de movimentos sociais e atos revolucionários. A preocupação dos órgãos militares nessas instituições eram óbvias, nada que pudesse prejudicar o ato inconstitucional deveria ser poupado. Mais uma vez, a falta de apoio dos bibliotecários no regime militar serviam como empecilho para aquela estrutura social, uma vez que, sem o auxílio desses profissionais, muitas obras poderiam passar batidas e dificultar o trabalho dos censores.

Conclusão

A partir disso, é possível compreender que os livros sempre foram encarados como objetos perigosos para regimes opressivos já que oferecem a possibilidade de um pensamento crítico e social. Não à toa, vimos que durante a ditadura militar, censurados exerciam um papel crucial no extermínio dessas obras, ao mesmo tempo que diversos bibliotecários tentavam conter esse regresso científico.

A atuação de autores como Caio Fernando Abreu demonstram a importância da literatura como objeto de mudança social e seus desdobramentos, uma vez que ofertar ferramentas capazes de mudar um manto social é crucial para a evolução de um povo. E, por sua vez, a execução dos bibliotecários durante a ditadura militar

brasileira transcende suas funções tradicionais, transformando-se em um ato de resistência cultural e política. Ao preservar e disseminar informações consideradas subversivas pelo regime, muitos bibliotecários desempenharam um papel crucial na proteção da memória histórica e no fomento à liberdade de expressão. Seu trabalho não só garantiu o acesso a conteúdos que ajudaram a denunciar as violações de direitos humanos, mas também fortaleceu a construção de um pensamento crítico em tempos de censura e repressão. Assim, sua postura ética e comprometida com a sociedade demonstra que a biblioteca é, mais do que um espaço de conhecimento, um bastião da democracia e dos direitos humanos, mesmo em períodos sombrios da história.

Referências

BARI, Valéria; PESSOA, João. A leitura é um perigo para quem? Censura no período da ditadura militar e seus reflexos na atualidade. [s. l.], v. 17, n. 1, 2021.

COLATIVO, Wesley. REDEMOCRATIZAÇÃO EM CRÔNICAS:. [s. l.], 2022.